

Sempre uma reflexão autoral sobre desenvolvimento



Empatia, presença & autenticidade: natureza humana nos tempos da IA

por Ronaldo Celestino da Silva Junior

Há centenas de milhares de anos, os primeiros humanos encontraram nas cavernas um lugar onde se abrigar. Pareciam seguros mas, em algum momento, precisavam sair para buscar alimentos. Mais do que isso: sentiam necessidade de explorar o ambiente ao redor. Volta e meia desejamos permanecer no lugar conhecido e supostamente seguro onde estamos, sem sermos invadidos ou ameaçados. Contudo, é necessário ir em busca de novos ambientes e mundos a serem explorados.

Ficarmos paralisados, na zona de conforto, ameaça quem ainda podemos ser. Viver sem futuro nada mais é que repetir o passado. Tornamo-nos *homo sapiens* na medida em que aprendemos a nos conectar uns aos outros e ir além da pré-programação biológica. Criamos símbolos, narrativas e passamos a acreditar em deuses, justiça, pátria, dinheiro, produtividade, dentre tantas outras coisas.

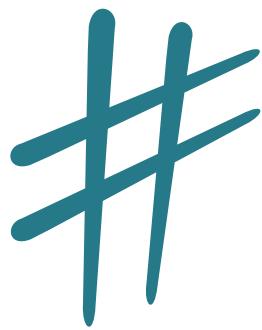
Nós, humanos, nunca fomos e jamais seremos totalmente independentes. Essa conexão traz algo de especial. Inclusive, a ideia de que sofrimento psíquico é coisa estritamente individual faz-nos perder de vista a dimensão coletiva de nossa existência.

No divertido desenho “Os Croods”, um pai de família tenta manter a ordem, todos protegidos no interior de uma caverna. Eis que sua filha, na puberdade, conhece um jovem rapaz e manifesta o desejo de ir com ele mais adiante - num movimento de exogamia saudável que a sexualidade faz. Na medida em que a filha movimenta-se em direção ao mundo, a família toda acaba se movendo junto, levando-os a uma aventura desafiadora.



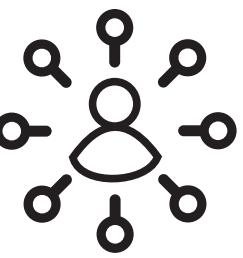
Nesse desenho pra lá de divertido, “Os Croods”, uma família da Idade da Pedra luta pela sobrevivência em meio ao conflito entre ficar na caverna e expandir os horizontes.

Criamos novas “inteligências” que “pensam” por nós, mais velozes, precisas e abrimos mão de boa parte da nossa espontaneidade. Passamos a viver uma vida algorítmica! O algoritmo produz engajamento, sem considerar a qualidade ou o impacto emocional daquilo que nos apresenta. Então nos perguntamos: resta-nos alguma consciência? O que é inteligência, afinal? Ela pode vir desacompanhada de ética? A inteligência artificial pode produzir humanos artificiais. Humanos sem corporeidade, sem presença e desconectados. Todavia, ela também pode ser nossa aliada, desde que nossa relação com a IA passe por um amadurecimento. Nós, humanos, somos seres de relação. A IA não possui consciência ou qualquer sentimento de si mesma. Não oferece presença genuína. Vivemos, atualmente, em um mundo de informações transmitidas de modo impessoal. Como podemos avaliar a confiabilidade desses dados e promover autocorreção?



REVERBERAR

Instigar para ecoar seu pensamento



Garry Kasparov x Deep Blue - IBM (1996).

Com resignação assistimos ao primeiro computador derrotar a mais hábil mente humana enxadrística à época, Garry Kasparov, em um match que ficou marcado como um momento em que a IA superou a capacidade humana. Na década de 90, finalmente, as máquinas ultrapassaram-nos em capacidade de processamento. Era mesmo um caminho sem volta. Yuval Harari assombrou o mundo com seu livro *Homo Deus*, ao apontar os humanos do futuro: híbridos homem-máquina, pessoas com chips internos, prolongamento indefinido da vida, o silício desafiando as limitações do carbono. Hoje, em um mundo ultra-tecnológico, as IAs assumem um protagonismo cada vez maior em nossas vidas. O trabalho parece impensável sem elas. As IAs escrevem, organizam dados, fazem apresentações, diagnosticam com maior precisão, tudo isso com uma velocidade incrível e sem cansaço! A partir do sentimento de que boa parte de nossa cognição é substituída no trabalho, qual o diferencial da natureza humana?

Nos primórdios da vida, ao sermos abastecidos de colo e afeto, em um ambiente seguro, enriquecemos nossos dados internos, os quais se tornam confiáveis. Desenvolvemos empatia, consideração pelo outro, espontaneidade, um sentimento de continuidade do nosso ser. Em contraposição, ambientes de baixa sustentação emocional, ameaças externas e instabilidade geram reatividade, incertezas, interrupções na continuidade do ser, dados não confiáveis. Crescer em um mundo assim gera em nós desconfiança e postura defensiva. Faz-se necessário o ajuste dos dados, com que somos alimentados, ante a realidade externa. As inteligências dependem do contexto ambiental para se desenvolverem.

Mas, como foram alimentados os dados da IA? Será que ela teve uma mãe? Na mitologia grega Zeus engoliu Mêtis, sua esposa, que estava gestante, com receio de ser destronado pelo filho que iria nascer. Contudo, em um dado momento, sentindo fortes dores de cabeça, solicitou que Hefesto, o ferreiro do Olimpo, lhe desse uma machadada na cabeça para abri-la e aliviar a sua dor. De lá saiu Atena, já armada e crescida. Parida da “cabeça” do pai, é a deusa da sabedoria. Podemos dizer que alguma IA, parida da inteligência humana, possui sabedoria?



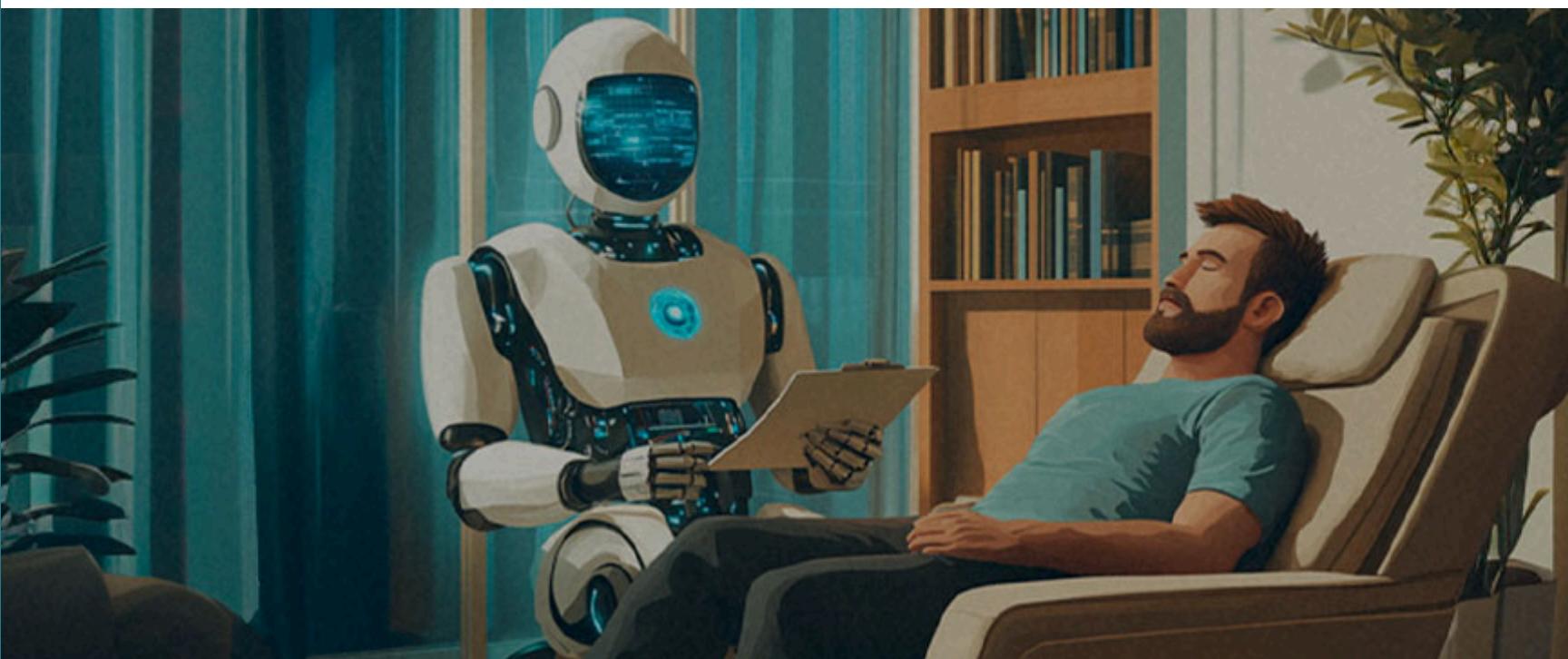
"O Nascimento de Atena" (1688), de René-Antoine Houasse.

Toda IA foi alimentada por dados e possui vieses. Estamos falando aqui de uma programação. Necessita intervenção humana para saber como calcular, o que enfatizar e o que desconsiderar. Quantas vezes é necessário ajustar ou corrigir suas informações? Quantas vezes é preciso um toque humano de sensibilidade para que não transpareça artificialidade? Justamente por isso todo o trabalho humano não pode ser substituído. O algoritmo apenas calcula. Não é uma inteligência, propriamente. É estatística pura! Não importa se o resultado, necessariamente, trará mais bem-estar. Somos nós, a partir de uma ética do cuidado, que poderemos fazer uso da IA de modo saudável, preservando nossas competências pessoais, profissionais, a empatia. Ou não saberemos mais o que é consciência! Viveremos num automatismo inconsciente, a reproduzir uma inteligência alienígena. Talvez boa parte de nós já viva assim.



REFLETIR

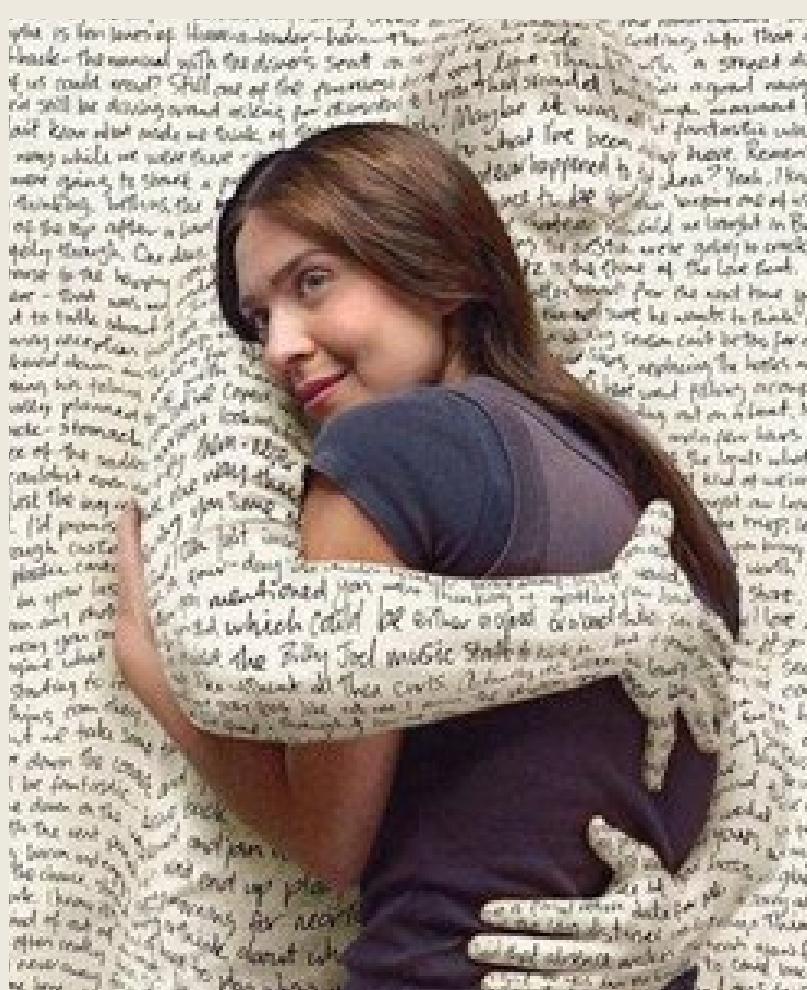
Inspiração para vivenciar



Hoje uma quantidade muito grande de pessoas recorre aos chatbots para fazer “terapia”. Necessidades emocionais e sofrimento psíquico têm feito pessoas buscarem auxílio na impessoalidade de uma tela. Trabalhos cada vez mais automatizados fazem-nos esquecer de nossas necessidades humanas. Estaremos suficientemente amadurecidos para lidarmos com as mudanças enfrentadas com as IAs? Vivemos sob o risco de uma funcionalidade sem alma. O amadurecimento se dá pelos desafios em reavaliar nossas decisões e promover mecanismos de autocorreção, reparação. É por isso que o conteúdo das IAs também deve passar por autocorreções e deve estar à serviço do bem coletivo. Jamais o contrário, como em propagação de *fake news* e falta de checagem humana para um uso ético e consciente da informação. Excesso de informação não significa, absolutamente, qualidade da informação.

Cálculos de respostas aos desafios e problemas propostos por humanos podem oferecer soluções rápidas, mas talvez simplistas. A vida humana acontece no calor do afeto, das conexões, em ambientes diversos, envolta em complexidades difíceis de serem acessadas apenas por cálculos. Entre humanos e máquinas, o quanto estamos perdendo da nossa capacidade de pensar, refletir, sentir, criar, memorizar, sustentar nossa atenção, aprender com algo que desenvolvemos, quando terceirizamos o nosso cérebro? Desconheço uma IA que possa oferecer um abraço! Que possa oferecer relação, presença autêntica, comunicar sentimentos.

A IA facilita nossa vida, mas também pode torná-la um tanto artificial. Delegar a ela todas as decisões pode levá-nos a caminhos não suficientemente bons. Se fomos nós que a criamos e continuamos a alimentá-la, é preciso sermos cuidadosos para que ela não engula nossa natureza humana.



Desenvolve



Histórias, relatos, encantos e alívios

A inteligência é uma propriedade dos organismos, é aquilo que surgiu para otimizar a nossa chance de sobreviver em um mundo que muda continuamente.

Miguel Nicolelis

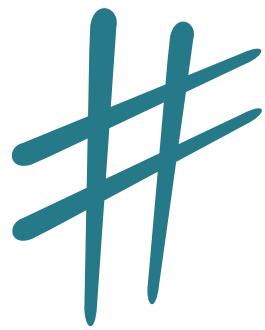
EPISÓDIO **21**

**MIGUEL
NICOLELIS**

RE
CONVERSA



Miguel Nicolelis explica por que a IA nem é inteligência nem é artificial | Reversa #21



EXPANDIR

Seus horizontes



Livros

BEST-SELLER INTERNACIONAL

Uma breve história da humanidade

Sapiens

Yuval Noah Harari

"Harari é brilhante [...] Sapiens é definitivamente imperdível, se for mais do que só: 'O que fazer quando seu cérebro processar o que é impossível de processar?' The Guardian

L&PM

DO AUTOR DE SAPIENS

Yuval Noah Harari



Yuval Noah Harari

Nexus

Uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial

Companhia das Letras



- HARARI, Yuval Noah. **Sapiens: uma breve história da humanidade**. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- HARARI, Yuval Noah. **Homo Deus: uma breve história do amanhã**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- HARARI, Yuval Noah. **Nexus: uma breve história das redes de informação, da Idade da Pedra à inteligência artificial**. São Paulo: Companhia das Letras, 2024.
- WINNICOTT, Donald Woods. **Natureza humana**. São Paulo: UBU Editora, 2024.

Filme

Os Croods (2013) mostra uma família da pré-história que, ao sair da caverna, aprende a enfrentar mudanças e viver de forma mais aberta e corajosa.

Vídeos e Música



YUVAL NOAH HARARI

Yuval Noah Harari – Nexus e a Ameaça da IA na Era da Informação | The Daily Show.



Gilberto Gil – Pela Internet (1996).



[Sugestões](#)



[Edições anteriores](#)

Autor
Ronaldo Celestino da Silva Junior
Psicólogo & Psicanalista

Designer
Edlayne Cristina da Rocha

Produção e Revisão
Equipe GEDP

E-mail: gedp.escoladesaude@goias.gov.br



Como a IA vai mudar tudo (inclusive você)/ Miguel Fernandes/ TEDxSão Paulo.